

POR DENTRO DA AULA DE HISTÓRIA: RELATOS, LEITURAS E INTERPRETAÇÕES DA HISTÓRIA ENSINADA

INSIDE THE HISTORY CLASS: REPORTS, READINGS AND INTERPRETATIONS OF THE HISTORY TAUGHT

POR DENTRO DE LA CLASE DE HISTORIA: RELATOS, LECTURAS E INTERPRETACIONES DE LA HISTORIA ENSEÑADA



Erinaldo Cavalcanti¹

 Universidade Federal do Pará

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9912-5713>

 E-mail: ericontadordehistorias@gmail.com

Resumo: O artigo analisa os relatos dos Cadernos de Registros produzidos pelos estudantes da Educação Básica acerca do cotidiano das aulas de História durante as atividades desenvolvidas pelo projeto Pibid/História. Como metodologia, o primeiro passo foi proceder com a transcrição dos relatos. O passo seguinte foi tipificar a autoria, categorizar os registros e proceder com a análise qualitativa dos relatos produzidos, compreendendo-os como diferentes leituras e interpretações elaboradas pelos estudantes. A partir da conclusão da análise, se amplia a compreensão sobre a dinamicidade das aulas de história, o comportamento dos alunos, os fatos considerados mais relevantes, os temas estudados, as metodologias utilizadas e a potencialidade dos registros escritos dos alunos/as como forma de interpretar e ocupar o lugar de autoria das fontes documentais para a pesquisa no (e sobre o) Ensino de História.

Palavras-chaves: Ensino de história. Pibid. Aula de história. Relato de aula.

Resumen: El artículo analiza los relatos de Cadernos de Registros producidos por estudiantes de Educación Básica sobre el cotidiano de las clases de Historia durante las actividades desarrolladas por el proyecto Pibid/História. Como metodología, el primer paso fue proceder a la transcripción de los relatos. El siguiente paso fue tipificar la autoría, categorizar los registros y proceder al análisis cualitativo de los relatos producidos, entendiéndolos como diferentes lecturas e interpretaciones realizadas por los estudiantes. De la conclusión del análisis, se amplía la comprensión de la dinámica de las clases de historia, el comportamiento de los estudiantes, los hechos considerados más relevantes, los temas estudiados, las metodologías utilizadas y el potencial de los registros escritos de los estudiantes como forma de interpretar y ocupar el lugar de autoría de las fuentes documentales para la investigación en (y sobre) la Enseñanza de la Historia.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Pibid Clase de Historia. Informe de clase.

¹ Doutor em História pela UFPE. Professor Adjunto da UFPA. Coordenador do Grupo de pesquisa iTempo e um dos idealizadores e criadores da Red Panamazónica para la Formación y Enseñanza de la Historia (REPAMFEH). E-mail: ericontadordehistorias@gmail.com

Considerações iniciais

Michel de Certeau² faz uma analogia entre relato e transporte público, que, na cidade de Atenas contemporânea, é chamado de *metaphorai*. Para ele, as pessoas — quando se deslocam para o trabalho ou quando voltam para suas casas — pegam uma “metáfora”. Assim, ele defende que os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome. Para ir trabalhar, passear, visitar, fazer compras, estudar as pessoas atravessam os espaços em *metaphorai*. Os relatos, para o autor, também desempenham essa função. Com eles, as pessoas organizam os espaços, constroem rotas de acesso, definem percursos e atribuem sentido às relações do cotidiano. Os relatos dizem e mostram o que é possível em determinado espaço e tempo. Transformam os lugares, classificam as experiências e nomeiam as práticas; ou seja, os relatos atribuem sentidos, significados e inteligibilidade às ações de mulheres e homens, alunas e alunos no espaço e no tempo.

Mobilizado por essa poderosa e poética acepção de relato, os escritos dos/as alunos/as, aqui analisados, são apreendidos como relatos *das* e *sobre as* aulas de História na Educação Básica. Eles se constituem registros de parte das práticas experienciadas no cotidiano das aulas observadas e acompanhadas pelos bolsistas. Os registros mobilizados como relatos oferecem uma constelação de leituras sobre as vivências, mostram maneiras de ver e de contar e perspectivas interpretativas. Eles cartografam e inventariam as aulas, oferecendo um painel com olhares diversos acerca daquilo que foi considerado importante relatar sobre as aulas de História.

Os relatos mobilizados como fonte documental neste texto foram produzidos no âmbito das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) por meio do subprojeto desenvolvido na faculdade de História³. Este texto está, portanto, situado em um triplo lugar de produção: I) foi elaborado a partir da análise da base documental produzida por um projeto que resultou de uma política pública de educação voltada ao fomento da formação docente inicial. Assim, o texto não apenas serve à História e à Educação enquanto ciência e lugar de produção de saber. Ele também apresenta a importância das políticas públicas para a educação, especialmente, aquelas voltadas à formação docente inicial. II) O texto foi construído por meios dos registros documentais produzidos em uma escola pública. Assim, potencializa as reflexões que apreendem a escola enquanto lugar de construção de saberes e vivências, e não como espaço amorfo,

² CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

³ O subprojeto “Ensino de História, materiais didáticos e formação docente” foi desenvolvido entre julho de 2018 a dezembro de 2019 na escola pública O Pequeno Príncipe localizada na cidade de Marabá (PA), contando com o apoio da Capes na concessão das bolsas de pesquisas, a quem expressamos nossos agradecimentos.

sem vida, que, muitas vezes, apenas é visto como um lugar de reprodução de saberes construídos alhures. III) Por fim, e não menos importante, os registros foram produzidos pelos estudantes da escola. Esses atores sociais são, praticamente, ignorados nas pesquisas especializadas, como se não fossem sujeitos pensantes, falantes, moventes e produtores de relatos. Seus registros constroem diferentes e instigantes leituras interpretativas sobre a História, a escola, as formas de comportamento no ambiente escolar e tantas outras sociabilidades, igualmente ignoradas pelas ciências humanas (inclusive aquelas que se propõem a analisar/compreender a escola). Ainda podemos acrescentar que os documentos mobilizados no artigo são registros das últimas experiências presenciais vividas em uma escola antes do mundo ser acometido pela pandemia da covid-19.

Situando o debate

O campo do Ensino de História tem crescido e se consolidado, o que se mostra com a quantidade e a qualidade das pesquisas desenvolvidas e das publicações que chegam (em forma de livros e/ou revistas) em diferentes países (como Brasil, Espanha, Argentina e Colômbia, para ficarmos apenas nesses exemplos). Seria enfadonho apresentar uma lista de nomes e temáticas que alimentam o campo. Assim, irei estabelecer um diálogo com alguns trabalhos que têm maior proximidade com as reflexões construídas neste artigo.

Mesmo com a consolidação do campo, algumas questões apenas começam a emergir. Há poucos trabalhos no campo do Ensino de História que têm como foco central a reflexão sobre a escola e os estudantes. Sobre a escola e a cultura escolar, as análises priorizam as dimensões institucionais e pouca atenção é dada às práticas e relações que não estão inscritas nos documentos oficiais, como sinaliza Dominique Julia⁴. A escassez de fontes é um dos desafios que precisa ser enfrentado. No diálogo com André Chervel, Julia ressalta que “[...] os exercícios escolares escritos foram pouco conservados: o descrédito que se atribui a esse gênero de produção, assim como a obrigação em que periodicamente se acham os estabelecimentos escolares de ganhar espaço, levaram-nos a jogar no lixo 99% das produções escolares.”⁵

Sabe-se que não temos uma cultura de arquivar e conservar os registros produzidos na escola, salvo alguns poucos considerados oficiais. Certamente, a falta de sensibilidade para com os registros produzidos pelos estudantes *na e sobre a* escola está relacionada, em

⁴ JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1, p. 9–43, 2001.

⁵ JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1, 2001, p. 15.

alguma medida, com a maneira como esses documentos são vistos pela História e pela Educação. A escola, na maioria das vezes, não é apreendida como lugar de produção de saber, mas como espaço de reprodução.

Seguindo essa linha de interpretação, Renilson Rosa Ribeiro destaca que essa interpretação “[...] em parte decorre de uma forte tradição de pensamento que toma a escola como um espaço incapaz de criar algum tipo de produção intelectual própria, como se ela fosse apenas um receptáculo de ideias de uma cultura que lhe é externa [...]”⁶. Essa concepção reducionista e preconceituosa representa a escola como um espaço onde se deve aplicar uma técnica, um método ou um recurso didático construídos em outros lugares. De acordo com André Chervel:

[...] a concepção da escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela está na origem da ideia muito amplamente partilhada no mundo das ciências humanas e entre o grande público, segundo a qual ela é, por excelência, o lugar do conservadorismo, da inércia, da rotina”⁷.

Também é possível perceber essa leitura torpe e míope dentro da própria História, uma área de conhecimento que, pelo abandono quase absoluto, não apreende a escola enquanto objeto de pesquisa, como bem ressaltou Agustín Escolano Benito⁸. Em sua obra *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*, o autor apresenta uma síntese de anos de pesquisas que tematizam a escola a partir de diferentes objetos de reflexão. Ao mesmo tempo, Benito nos convida e provoca a direcionar nosso ângulo de percepção para pensar a escola por outros olhares, compreendendo-a como uma complexa construção histórica em um tempo e um espaço. Dentre os muitos desafios, compreender a sala de aula de forma não naturalizada é um deles. Para o autor:

[...] há algo verdadeiramente surpreendente na própria fisionomia da sala de aula, lugar no qual as infâncias da maior parte dos países do mundo têm vivido bastante tempo, durante os anos de formação. A sala de aula é o mais importante ponto de encontro entre professores e alunos; no entanto, nosso conhecimento acerca do que se passa nesse reduzido espaço é bastante limitado.⁹

⁶ RIBEIRO, Ribeiro Renilson. Entre textos e práticas: ensino de história, instituição escolar e formação docente. *Revista História e Ensino*, v. 21, n. 2, 2015, p. 154.

⁷ CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, v. 2, 1990, p. 182.

⁸ BENITO, Agustín Escolano. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas, SP: 2017.

⁹ BENITO, Agustín Escolano. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas, SP: 2017, p. 138.

Se os registros da cultura escolar estão, quase sempre, relacionados à dimensão institucional, aqueles que versam sobre os estudantes se limitam aos dados formais de ingresso, matrícula e aprovação/retenção. Os registros produzidos pelos alunos, não obstante, são feitos para o descarte. No entanto, podemos produzir outros registros, outras narrativas, incluindo os relatos de memória.

Ainda dispomos de poucos trabalhos que, efetivamente, voltam-se a compreender os estudantes e os registros que eles produzem. Nesse sentido, Concha Fuentes Moreno ressalta a escassez de trabalhos que tenham como foco privilegiado os estudantes da Educação Básica. Para ela, “[...] resulta necesario incidir en la especial escasez de trabajos rigurosos de investigación científica teniendo en el alumnado su núcleo vertebrador”¹⁰.

Segundo Peter Lee, que também se insere nesse movimento de reflexão:

Embora possamos saber mais sobre as ideias que os estudantes trazem para a história, apenas começamos a pensar claramente sobre a forma real de conhecimento que queremos que eles adquiram quando concluem a disciplina história na escola. O público e os historiadores profissionais não estão errados em se preocupar com o que os estudantes sabem.¹¹

Autores como Marcos Kusnick e Luís Fernando Cerri¹²; Linare Cecilia e Virginia Cuesta¹³; Márcia Elisa Teté Ramos e Ronaldo Cardoso Alves¹⁴, e Aaron Reis¹⁵ têm contribuído com análises sobre as concepções dos jovens estudantes acerca da História. Fernando Penna também sustenta o debate ao analisar as concepções de tempo apresentadas por estudantes do 8º ano de uma escola do Rio de Janeiro. Para o autor, predomina — entre os estudantes que participaram da pesquisa — uma interpretação fatalista do tempo e da história. Em suas palavras, “[...] a maioria dos alunos não explicitou em seus textos uma concepção de tempo que incluía a possibilidade de mudança nem da história em si, nem dos personagens históricos.”¹⁶

Sobre como os estudantes da Educação Básica interpretam a história ensinada, as reflexões de Cavalcanti se somam àquelas apresentadas por outros colegas do campo do

¹⁰ MORENO, Concha Fuentes. Concepciones de los alumnos sobre la Historia. *Educar em Revista*, v. 22, n. (especial), 2006, p. 220.

¹¹ LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. *Revista Educar*, v. 22, n. (especial), 2006, p. 134.

¹² KUSNICK, Marcos Roberto e CERRI, Luis Fernando. Ideias de estudantes sobre a história - um estudo de caso a partir das representações sociais. *Revista Cultura histórica & Patrimônio*, v. 2, n. 2, p. 30–54, 2014.

¹³ CECILIA, Linare e CUESTA, Virginia. El sentido de la enseñanza y el aprendizaje de la Historia para los jóvenes estudiantes de Brasil, Argentina, Uruguay y Chile. *Revista Clio & Asociados*, v. 20, n. 21, p. 27–42, 2015.

¹⁴ RAMOS, Marcia Elisa Teté e ALVES, Ronaldo Cardoso. Representações de História em jovens da Escola Básica e da Universidade: um estudo sobre pensamento histórico e identidade. *Antíteses*, Londrina, v. 9, n. 18, p. 118–152, 2016.

¹⁵ REIS, Aaron Sena Cerqueira. As concepções de jovens estudantes sobre assuntos históricos. *Revista História Hoje*, v. 8, n. 16, 2019, p. 95.

¹⁶ PENNA, Fernando. A total dúvida sobre o amanhã e o desafio de ensinar história: concepções de tempo na produção textual de alunos. *História e Perspectivas*, v. 28, n. 53, p. 71–97, 2015.

Ensino de História. Como mostra o autor, para os alunos que participaram das atividades do Pibid, a história continua sendo, predominantemente, associada ao passado, sem vínculos com o presente e sem relação com o futuro. Assim, o autor questiona:

A história ensinada continua sendo aquela formatada a partir de conteúdos vinculados a um currículo prescrito, atrelado a um passado distante, frio e estrangeiro em relação ao presente experienciado por nossos alunos e alunas. Diante da supressão do presente como demanda e das demandas do presente [...] estaria a história ensinada apenas sem o futuro como pauta de reflexão ou também sem o futuro como horizonte de possibilidade?¹⁷

As reflexões de Mauro Coelho também apresentam contribuições significativas. Ele chama a atenção à necessidade urgente de a História — enquanto área de conhecimento e disciplina escolar — alçar ao centro do debate a importância de conhecer o público para o qual formamos os professores de História. Ao analisar os registros produzidos pelo subprojeto do Pibid, o autor destaca que “[...] os dados recolhidos sugerem que o conhecimento sobre os/as estudantes é condição *sine qua non* para que a história escolar assuma significado para aqueles a quem ela se destina.”¹⁸. De forma categórica, Coelho ressalta que a pesquisa desenvolvida ajudou a

[...] entender por que para muitos adolescentes e jovens a história ensinada na escola não tem sentido: ela não é pensada para os/as alunos/as que se encontram na escola hodierna, nas periferias das cidades atendendo públicos com uma bagagem e com necessidades com não se voltam apenas para o futuro, apenas, mas também para o tempo presente.¹⁹

Apesar da mudança substancial que se verifica no campo do Ensino de História, ainda percebemos que as questões que envolvem aprendizagem, ensino, sala de aula e escola são vistas como de menor importância no interior de muitos departamentos de História. Entre as rotas sinalizadas pelas pesquisas, apreender os estudantes como seres históricos, pensantes, falantes, sujeitos que lidam e interpretam o tempo no cotidiano pode ser um importante caminho a se construir. Antes de refletir como os/as estudantes relataram o cotidiano das aulas registradas, é necessário apresentar os fundamentos teórico-metodológicos.

¹⁷ CAVALCANTI, Erinaldo. A história sem presente e o ensino sem futuro: representação do tempo no ensino de História pelos alunos da Educação Básica. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 33, e0109, 2021, p. 24.

¹⁸ COELHO, Mauro Cezar. Um tema lacunar na pesquisa histórica — o conhecimento sobre estudantes da Educação Básica: ensaio de reconhecimento de estudantes de escolas públicas de Belém e o ensino de História (p. 17-34). In Cavalcanti *et al* (2021). (org.). *História: memória, narrativa e ensino na Amazônia brasileira*. São Luís: Editora: EdUFMA, 2021, p. 19.

¹⁹ COELHO, Op., Cit., 2021, p. 32.

Procedimentos teórico-metodológicos

Os procedimentos metodológicos, aqui mobilizados, são indissociáveis dos fundamentos teóricos. Assim, o tratamento metodológico dado aos documentos não está separado das concepções teóricas adotadas. As reflexões de Michel de Certeau sobre os relatos de espaço²⁰ e a operação historiográfica²¹, respectivamente, perpassam as análises presentes em todo este texto. Paul Ricoeur²², com suas contribuições sobre a fase da representação — ou da representância, como ele prefere — da História, igualmente nos ajuda a compreender os limites de qualquer representação constante nos documentos e na escrita da História acerca do passado. Com igual importância, Jacques Le Goff²³ nos ajuda a lidar com o trato documental de modo que não nos deixemos levar pelos documentos (por mais sedutores que sejam), pois são, antes de tudo, construção, interpretação e monumentos. Não menos importante, as reflexões de Carlo Ginzburg²⁴ também nos mostram como os relatos presentes nos documentos podem ser compreendidos enquanto vestígios fragmentários, parciais e incompletos, e que, portanto, necessitam ser analisados na trama das condições em que foram construídos. Esses autores e essas reflexões são acionados mesmo quando não aparecem por meio de citações diretas.

Toda escrita é condicionada por diferentes variáveis que interferem em seu processo de gestação. Assim, a depender de *onde* se escreve, *quando* se escreve, *quem* escreve, *para quem* e *para o que* se escreve, teremos distintas formas de escritas, cujas possibilidades de análise e interpretação precisam levar em consideração essas variáveis.

Os registros documentais acionados neste texto foram construídos nos últimos meses do projeto Pibid/Fahist. Os estudantes das turmas acompanhadas pelos bolsistas já tinham bastante familiaridade com a presença dos monitores do projeto compondo a cena cotidiana da sala aula. Esse dado é importante para registrar que a presença dos bolsistas na sala de aula também se constituiu em uma das variáveis que, em alguma medida, interferiu na construção dos relatos dos estudantes.

A produção dos *Cadernos de Registros* surgiu em uma das reuniões que realizávamos na universidade com os bolsistas nos momentos de troca e socialização das atividades acompanhadas. O passo seguinte foi providenciar os cadernos. Feito isso, foram entregues às equipes de bolsistas que providenciaram uma bela customização para as capas, como podemos visualizar na Imagem 1.

²⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Vol. 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²¹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

²² RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

²³ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

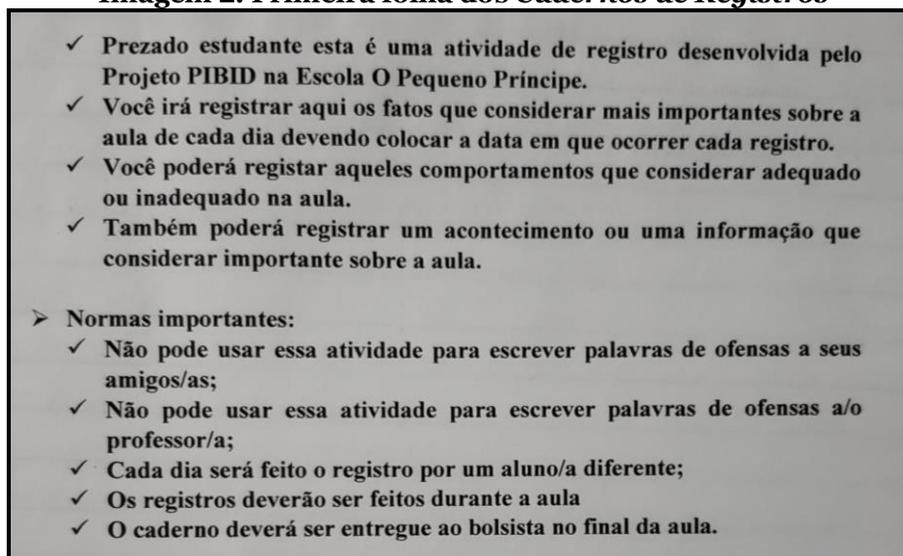
²⁴ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Imagem 1. Capas dos Cadernos de Registros

Fonte: arquivo pessoal do autor.

Os bolsistas ficaram responsáveis por levar os *Cadernos de Registro* para cada uma das turmas e explicar sua finalidade. Após cada aula acompanhada, pegavam o caderno de volta. Os registros, datados do mês de outubro a dezembro de 2019, foram produzidos obedecendo ao cronograma de atividade dos bolsistas, e não à sequência de aulas semanais da escola, uma vez que era necessária a presença do bolsista para acompanhar essa demanda.

Decidimos, ademais, que iríamos imprimir e colar na primeira folha dos cadernos algumas normas gerais sobre os registros a serem produzidos, como podemos visualizar na Imagem 2.

Imagem 2. Primeira folha dos Cadernos de Registros

Fonte: arquivo pessoal do autor

Essa é outra variável importante. Os estudantes produziram seus registros também obedecendo às normas que foram definidas e coladas na primeira página dos cadernos. Da mesma forma, eles sabiam que os bolsistas, a professora supervisora e o professor coordenador do projeto iriam ter acesso às informações produzidas. Essas condições, em alguma medida, também tensionaram a escrita dos estudantes.

A partir desse espaço de tensões, os/as alunos/as produziram diferentes registros sobre uma ampla variedade de temas e situações que fizeram parte do cotidiano das aulas de História. Pelos critérios solicitados, os estudantes poderiam registrar qualquer informação que considerassem relevante sobre a aula. Nesse sentido, eles/elas ocuparam o lugar de autores/autoras dos registros. Eles escolheram os temas que consideraram importantes, registraram as questões que entenderam ser dignas de notas e relataram as situações que compreendiam ser importantes.

Como sinalizado por Cavalcanti²⁵, são fundamentais os registros dos alunos da Educação Básica relativos às interpretações fornecem acerca da história ensinada. Nessa perspectiva, é oportuno destacar a relevância desses registros para ressaltar a necessidade de a ciência histórica direcionar o ângulo de atenção aos escritos produzidos pelos estudantes da Educação Básica. Analisar de que forma eles produzem suas interpretações significa considerá-los construtores de suas histórias, sujeitos que fazem história como bem preconiza esse jargão.

A problematização desses documentos considera os/as estudantes como autores de seus relatos. São sujeitos e sujeitas²⁶ que pensam, analisam e selecionam o que vão deixar marcado sobre a aula, sobretudo porque entre as informações escritas por eles/elas encontramos seus nomes grafados como uma espécie de assinatura. Os *Cadernos de Registros* são, portanto, valiosos materiais que oferecem “registros”, “interpretação”, “materialidade física” e “fonte documental” para as pesquisas no campo da ciência histórica.

O tratamento teórico dado aos *Cadernos de Registros* (fonte aqui mobilizada) obedece ao primado da epistemologia da História, que compreende os documentos como construção fragmentária. Assim como qualquer outro documento, esses não são reflexos da realidade vivida na sala de aula. Eles são indícios da interpretação de seus/suas autores/as. São, ainda, representação escrita de como os/as alunos/as se apropriaram das

²⁵ CAVALCANTI, Erinaldo. A história sem presente e o ensino sem futuro: representação do tempo no ensino de História pelos alunos da Educação Básica. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 33, e0109, 2021.

²⁶ Utilizo a expressão “sujeita” inspirado nas reflexões de Grada Kilomba (2019) sobre a necessidade de flexionar as expressões semânticas para o gênero feminino, demonstrando que em muitas situações a língua portuguesa continua sendo preconceituosa uma que certas flexões quando são feitas no feminino ganham significados negativizados. Ver: KILOMBA, Grada. *Memórias da plantaço*: episódios de Racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

demandas solicitadas e produziram relatos escritos por meio de suas lentes interpretativas. Portanto, não espelham nem são cópias da realidade relatada, mas são partes constituintes dela enquanto narrativas que a representam e a apresentam. Em síntese: é um documento e, como tal, deve ser tratado como monumento — como documento-monumento — conforme nos ensinou Jacques Le Goff²⁷.

Após a conclusão do ano letivo, os bolsistas entregaram os *Cadernos de Registros*. De posse do material, digitei todos aqueles referentes às turmas do 9º ano. Em seguida, construí uma tabela catalogando a autoria por sexo e, posteriormente, categorizei os registros identificando-os por relato sobre: “conteúdo de aula”, “metodologia”, “comportamento” e “análise de conteúdo”. É oportuno destacar que essas categorias se encontram presentes em praticamente todos os relatos. Por fim, procedi com a análise qualitativa dos registros, explorando diversas questões narradas pelos/as estudantes.

Problematizando os relatos

Os *Cadernos de Registros* contêm relatos produzidos entre outubro e dezembro de 2019. A Tabela 1 mostram os dados relativos à autoria por série e gênero.

Tabela 1. Relação autoria, série e gênero

Série	Masculino	Feminino	Sem registro	Total
9º A	5	2	—	7
9º B	5	3	1	9
9º C	4	5	—	9
9º D	6	1	—	7
Total	20	11	1	32

Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos perceber, os registros que constam nos cadernos são de autoria de 32 estudantes. A maioria é identificada pelo gênero masculino. Mas, essa identificação se deu a partir dos nomes deixados abaixo de cada relato. É oportuno ressaltar que essa associação precisa ser relativizada, pois o nome de um estudante, ainda que sua grafia o classifique como uma flexão identificada com o gênero masculino, o autor pode não ter essa identificação. Em relação à quantidade por gênero, não foram definidos critérios específicos para selecionar qual dos estudantes iria fazer o registro. A informação passada aos bolsistas era que poderia iniciar por qualquer uma das fileiras de alunos, seguindo a sequência em que se sentavam em suas cadeiras, um após outro. Essa estratégia pode explicar por que houve um número relativamente maior de estudantes identificados como do gênero masculino.

²⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

Os relatos produzidos por esses/as 32 autores/as mostram um universo pulsante no interior de cada aula. Os registros sinalizam uma parte da dinamicidade que constitui uma aula de História.

Como já sinalizado, tipifiquei os relatos em quatro categorias para melhor proceder com a análise: predomina uma maior quantidade de relatos sobre “conteúdo de aula”, seguido de “comportamento”, “metodologia” e “análise”. Os tipos de relatos identificados mostram que os estudantes foram além do que foi solicitado, principalmente quando registraram suas análises acerca do conteúdo relatado.

No dia 25 de outubro, a estudante Elza Freire²⁸ do 9º A, assim relatou:

Hoje na aula de história, sexta-feira dia 25, a professora Edileuza continua com o assunto das aulas anteriores que é apresentações dos alunos sobre o livro *Diário de Bitita* de Carolina de Jesus. Durante esse bimestre a professora passou para seus alunos a leitura do livro, apresentação, resumo e questionário, no qual nossa fala sobre o livro é guiada pelo questionário. Ao longo dessas apresentações os outros alunos muitas vezes interrompiam a apresentação do seu colega, por meio de conversas e cochichos com desrespeito a fala do colega; os alunos Amanda, Clara, Julia e Ângelo, por apenas um momento, pois depois a professora chamou a atenção deles.²⁹

O conteúdo de aula registrado com maior frequência, nas quatro turmas, foi aquele relacionado aos trabalhos com o livro *Diário de Bitita*, de Maria Carolina de Jesus. O período em que ocorreram os registros coincidiu com as atividades que as professoras supervisoras estavam trabalhando: a literatura selecionada para o *Projeto Quem Sou Eu?*³⁰, voltado às reflexões sobre as identidades sociais, culturais e históricas dos estudantes, com destaque para as dimensões das culturas de origem afro-indígena brasileira que compõem as identidades culturais do Brasil.

Percebemos que a estudante autora do relato poderia apenas mencionar que o tema da aula havia sido o livro *Diário de Bitita*. Mas, seu registro vai além. Ao escrever a data e o dia da semana, menciona que a aula daquela sexta-feira é uma continuação da aula anterior. Ou seja, os trabalhos na sala de aula estão em processo de realização e têm o referido livro como tema de estudo.

Nesse mesmo trecho do relato, a aluna/autora também apresenta alguns aspectos da metodologia desenvolvida para os trabalhos. Como percebemos, ela mostra que a

²⁸ Todos os nomes dos alunos/as mencionados neste artigo foram substituídos para manter o anonimato. Alguns dos nomes escolhidos são de pesquisadoras e pesquisadores do campo do Ensino de História como uma forma simbólica de os/as homenagear.

²⁹ *Caderno de Registros*. Aluna: Elza Freire, 9º A, 25/10/2019.

³⁰ Projeto temático desenvolvido na escola anualmente, coordenado pelas professoras Edileuza de Andrade e Maria Raimunda. Essas duas professoras participaram do projeto PIBID como supervisoras, a quem também agradeço pelas parcerias construídas e parabeno-as pelo trabalho desenvolvido.

apresentação dos alunos foi uma das estratégias metodológicas adotadas. Também se percebe, pelo relato, que havia dimensões específicas para os alunos apresentarem: além da leitura, teve a apresentação, o resumo e um questionário, que não apenas serviria para responder perguntas acerca do livro, mas também como instrumento para conduzir a apresentação.

A aluna/autora ainda continuou relatando. Nas linhas seguintes, ela mostra outro tipo de relato: aquele que faz menção ao comportamento. Segundo seus registros, um grupo de quatro alunos estava atrapalhando o andamento da aula. Os colegas identificados pela aluna/autora estavam conversando e cochichando, e foi necessário que a professora chamasse a atenção deles. Ainda podemos perceber que esse trecho não se limita a descrever uma situação em que alguns alunos estão conversando enquanto outros estão apresentando seus trabalhos. Nossa aluna/autora analisa e interpreta o seu relato. Segundo ela, aquele comportamento é uma demonstração de desrespeito.

A análise de nossa aluna/autora não ficou restrita ao comportamento dos colegas. Ela também teceu comentários sobre o livro. Em suas palavras, “[...] a temática do livro que nos foi passado é de bastante interesse conhecer a história de Bitita e na aula também acontece alguns debates referentes ao livro que trata também sobre o preconceito e a desigualdade social no país.”³¹ Assim, ela classifica como interessante o livro e menciona que, na aula, ocorreram debates sobre a obra que também aborda as questões ligadas ao preconceito e à desigualdade social no País. É interessante ressaltar que esses relatos não foram pedidos, e estão além das informações solicitadas; apenas foi solicitado que registrassem aquilo que consideravam importante.

Na aula da semana seguinte, o registro aconteceu no dia 29 de outubro. Os relatos mostram a continuação das atividades sobre o livro *Diário de Bitita*, merecendo destaque, segundo nossa aluna/autora Déa da Silva, a apresentação da autobiografia da autora da obra apresentada. Mas, também o comportamento do colega Ivo Borges não passou despercebido pela autora. Segundo ela, seu colega de turma “[...] acabou indo à secretaria por desrespeitar, conversar e não obedecer às ordens da professora Edileuza.”³²

No mesmo dia 29 de outubro, na turma do 9º B, as atividades relacionadas ao livro *Diário de Bitita* também foram o ponto central dos relatos. A aluna/autora Flávia dos Santos assim registrou:

Na aula de hoje estamos apresentando o livro O Diário de Bitita e alguns alunos não prestaram atenção, estavam conversando e na apresentação do livro, pelo meu gosto, é que fala sobre o preconceito e racismo que é um assunto muito importante para se tratar nas aulas, e os alunos pelo meu

³¹ Caderno de Registros. Aluna: Elza Freire, 9º A, 25/10/2019.

³² Caderno de Registros. Aluna: Déa da Silva, 9º A, 29/10/2019.

ponto de vista, eles apresentaram bem, e a aluna Vitória Maria ela fez uma apresentação muito fascinante e muito importante para nós alunos sobre o preconceito e o racismo e isso é muito importante para nós alunos ficar por dentro desse assunto.³³

A autora do registro também produziu relatos que vão além do que foi solicitado. Primeiro, ela menciona o que ocorreu na aula: a apresentação do livro *Diário de Bitita* pelos alunos. Na mesma frase, ela informa que alguns alunos não estavam prestando a atenção porque estavam conversando. Em seguida, ela constrói um relato interpretativo sobre o conteúdo do livro, o qual, em sua opinião, trata-se de uma obra que aborda as questões ligadas ao preconceito e ao racismo. De acordo com a nossa aluna/autora, esse é um assunto muito importante e que deve ser trabalhado em sala de aula. Mas, não apenas sobre o conteúdo do livro ela registrou informações. A apresentação dos colegas também mereceu registros. Segundo a aluna/autora, no geral, as apresentações foram boas, mas houve um destaque especial para a aluna Vitória Maria, que, segundo a autora dos relatos, realizou um trabalho fascinante. Ao final de seus registros, volta a chamar a atenção para a importância de temas como preconceito e racismo serem debatidos na sala de aula.

A dinâmica das aulas seguia o planejamento das atividades daquele fim de bimestre. No dia 5 de novembro, o aluno/autor Luís Rafael registrou o que considerou de mais importante na aula, conforme segue:

Hoje a professora Edileuza começou um novo tema sobre biografia de pessoas negras e indígenas. Ela organizou os grupos e os temas para a biografia. Logo depois ela fez algumas questões e nos deu um texto. Alguns grupos ficaram na sala enquanto outros ficaram no pátio para conseguirem se concentrar. O comportamento de Maria Julia estava inaceitável, ela estava bagunçando, não parava quieta, enquanto isso, todos os outros grupos estavam prestando atenção em suas atividades.³⁴

O aluno/autor inicia seu relato mencionando, na primeira frase, o conteúdo da aula: a professora Edileuza Andrade iniciou o tema “biografia de pessoas negras e indígenas”. Esse tema merece atenção pela singularidade que apresenta como conteúdo de sala aula, uma vez que não está relacionado aos assuntos clássicos definidos no currículo escolar do Ensino Fundamental.

Pelos relatos de Luís Rafael, a professora Edileuza de Andrade dividiu a turma em grupos para as tarefas a serem desenvolvidas, dentre elas, a leitura de um texto. Com as equipes formadas, precisou deslocar algumas delas para outros espaços, uma vez que os membros dos grupos precisam conversar entre si. Assim, a aula não ficou restrita ao

³³ Caderno de Registros. Aluna: Flávia dos Santos, 9º B, 29/10/2019.

³⁴ Caderno de Registros. Aluno: Luís Rafael, 9º B, 5/11/2019.

espaço físico da sala, mas também se estendeu ao pátio da escola, de acordo com os registros produzidos. Ainda segundo os relatos fornecidos, o comportamento dos estudantes naquela aula estava em conformidade com o esperado, de acordo com as lentes interpretativas do aluno/autor, com exceção de uma colega que, segundo ele, estava se comportando de forma inaceitável, porque estava bagunçando.

Algumas das apresentações das biografias trabalhadas ocorreram na aula do dia 12/11/2019, e foram registradas pelo aluno/autor Marco Silva da seguinte forma:

Na aula de hoje teve apresentações das biografias, temas: Luiz Gonzaga, Marçal de Souza, Pharrel Tubman, Maria Firmina dos Reis, Adelina a Charuteira, Carolina Maria de Jesus. Todos os grupos foram muito bem e também os alunos Ricardo e Marcio atrapalharam a aula conversando.³⁵

Trabalhar biografias de pessoas negras e indígenas na sala de aula mostra indícios de como a dinâmica das aulas de História é construída a partir de muitas variáveis e não é determinada pelos documentos formais prescritos. As/os professoras/es têm uma relativa autonomia no processo de construção de sua aula, na seleção dos temas a serem estudados e nos procedimentos que selecionam para sua execução.

Percebemos, nos relatos, os nomes de três mulheres entre as biografias que foram selecionadas para estudo e apresentação naquela aula. Dentre elas, Maria Carolina de Jesus, da qual as professoras trabalharam o livro *Diário de Bitita*. Na avaliação do aluno/autor, todos os colegas fizeram boas apresentações, mas, o comportamento de dois colegas não passou despercebido, sendo registrado que eles estavam conversando e atrapalhando a aula.

Nas aulas do 9º C, os registros também mostram como ocorreram as apresentações do livro de Maria Carolina de Jesus. A estudante Selva Ribeiro produziu os seguintes relatos:

Hoje o assunto tratado na aula foi a apresentação do livro *Diário de Bitita*. Alguns alunos apresentaram muito bem, outros nem tanto. Alguns alunos não tinham muita postura na hora da apresentação, outros não sabiam quase nada do livro. Resumindo tudo isso, a aula foi boa, a sala hoje foi comportada.³⁶

Como podemos perceber, os relatos da aluna Selva Ribeiro foram construídos, predominante, para registrar e interpretar o comportamento dos colegas que apresentaram o trabalho naquela aula. Após mencionar, na primeira frase, que o assunto

³⁵ *Caderno de Registros*. Aluno: Marcos Silva, 9º Ano B, 12/11/2019.

³⁶ *Caderno de Registros*. Aluna: Selva Ribeiro, 9º C, 25/10/2019.

da aula foi a apresentação do livro, ela destaca a conduta dos colegas, tanto em relação ao trabalho apresentado como ao comportamento. Segundo ela, alguns colegas apresentaram muito bem, ao passo que outros não demonstraram domínio do conteúdo e “[...] não sabiam de quase nada do livro”.

Esse relato sugere que a aluna/autora conhecia o livro. Tinha domínio do conteúdo da obra e, portanto, sentia-se tranquila em registrar como os colegas se comportaram em relação ao conteúdo apresentado. Com base na maneira como alguns alunos realizaram a tarefa, ela interpretou que era possível que esses conhecessem pouco sobre a obra. Ainda a respeito da dimensão do comportamento, ela finaliza o relato, ressaltando que, naquela aula, sua turma esteve bem comportada. Essa interpretação também foi registrada por outro aluno de outra turma. Segundo Mauro Bezerra, do 9º C, alguns colegas também pareciam não ter se preparado o suficiente para apresentar os trabalhos. Em suas palavras, “[...] muitos alunos que estavam apresentando quase não sabiam o assunto e apenas leram o cartaz, mas por outro lado teve aqueles que saíram bem, os que realmente estudaram.”³⁷

Há relatos que apresentam uma verdadeira “cartografia” do interior das aulas. Mostram detalhes sobre diferentes aspectos, que, dificilmente, seriam relatados ou deixariam registros. A aluna/autora Circe Ferreira detalhou como ocorreram as apresentações do livro, em sua turma, no dia 29/10/2019:

Aula de história. Hoje continuamos com as apresentações do livro Diário de Bitita da autora Maria Carolina de Jesus. Foi iniciado com pausas na fala do colega que estava apresentando por conta do barulho. A primeira [aluna] possui o tom de voz um pouco baixo, dificultando o entendimento, porém, no meio ela melhorou bastante e terminou com louvor sua apresentação. O segundo possuía o mesmo problema em relação à voz, mas diferente da anterior, ele se manteve naquele ritmo e por haver barulho do restante das pessoas, atrapalhou muito sua linha de raciocínio. O terceiro aluno teve uma apresentação maravilhosa, porém ele demonstrava ansiedade em sua postura, não conseguindo ficar parado durante sua fala. É claro que bem no final ele cometeu uma gafe, por tocar no assunto que não possuía total domínio para comentar. Vale ressaltar que no fim de todas as apresentações, a professora perdia tempo tendo que se pronunciar para controlar o barulho e a falta de educação de alguns dos meus colegas, mas mesmo assim eles continuavam. Falamos um pouco do projeto “Quem sou eu?” e tivemos maior esclarecimento sobre o objetivo dele. Houve alguns debates sobre o assunto. Também ocorreu a explicação sobre o trabalho com data de entrega dia 12/11/19 com o tema “Biografia”. Sem contar os barulhos e interrupções durante a aula, ela foi bastante produtiva e dinâmica.³⁸

³⁷ Caderno de Registros. Aluno: Mauro Bezerra, 9º C, 12/11/2019.

³⁸ Caderno de Registros. Aluna: Circe Ferreira, 9º C, 29/10/2019.

A riqueza dos detalhes enche os olhos. Ela mostra a potencialidade das/dos estudantes quando a elas/eles são oferecidas condições de produção de seus relatos. Seus registros apresentam e representam a forma com que selecionaram o que consideraram digno de registro, e como compreendem o conteúdo registrado. Nossa aluna/autora não economiza detalhes. Inicia mostrando o sequenciamento das aulas, com a continuidade das atividades sobre a apresentação do livro de Maria Carolina de Jesus.

A dinâmica da apresentação dos trabalhos passou a ser o centro de interesse dos registros anotados. A apresentação dos alunos teria sido interrompida em virtude do barulho produzido por uma parte dos estudantes. A situação teria ficado ainda mais delicada por causa do timbre de voz de alguns alunos, que, por ser baixo, dificultou a compreensão para quem estava assistindo. No entanto, no decorrer da apresentação, o tom de voz parece ter alcançado um equilíbrio, pois, como mostra o relato, do meio para o fim, ocorreu uma melhora significativa, e a apresentação teria sido concluída com louvor. Essa informação também sugere que os registros iam sendo construídos ao longo da aula, à medida que as atividades aconteciam. Ou seja, iam acompanhando a própria dinâmica em que aconteciam os fatos relatados.

Os relatos de Circe Ferreira seguem detalhando como ocorreram as demais apresentações. Diferente da primeira apresentação, a segunda, ao que parece, não teve mudança na altura da voz do estudante e o barulho persistente na sala teria comprometido a linha de raciocínio do aluno. Nesse sentido, não apenas é oferecido um registro descritivo daquilo que se passava na aula, mas há uma análise interpretativa comparando as duas situações apresentadas até o momento.

O terceiro estudante a se apresentar encantou a nossa aluna/autora. Para ela, a apresentação foi maravilhosa, mesmo que o aluno tenha demonstrado alguns sinais de que estava nervoso ou ansioso. Segundo seus registros, o aluno não conseguia ficar parado enquanto apresentava, o que foi interpretado como “ansiedade”. Em seguida, ela relatou que o colega acabou cometendo uma gafe quando mencionou um assunto sobre o qual não tinha domínio. Com isso, mostra que a postura do colega aparentava sua falta de domínio sobre o tema mencionado.

Ao final de seus relatos, a aluna/autora destaca que o barulho estava comprometendo a aula, e é possível perceber que a postura de uma parte dos colegas atrapalhava a dinâmica da apresentação, o que acaba sendo classificado como falta de educação. Para ela, aquele comportamento implicava uma perda de tempo. Como mencionou, a professora precisou interromper as apresentações para controlar o barulho,

o que, para Circe, significava perder tempo. Ao fim, ela relata que, apesar do barulho e das interrupções, a aula teria sido bastante produtiva e dinâmica.

Os registros produzidos pelos alunos dão conta de um universo pulsante no cotidiano das aulas relatadas. Percebemos como os relatos mapeiam e cartografam a sala de aula. Como defende Michel de Certeau, os relatos tornam os espaços críveis e tangíveis. Através daqueles construídos pelos/as estudantes podemos identificar as práticas vivenciadas, as experiências compartilhadas e os sentidos atribuídos às relações experienciadas dentro da sala de aula.

Além dos conteúdos trabalhados e das vivências experimentadas, outras questões e temas mereceram a atenção daqueles que produziram os registros. No dia 28/10/2019, um dos alunos — que não deixou seu nome registrado — assim relatou:

[...] aula de História segunda-feira dia 28/10/2019 com os bolsistas da Unifesspa Raquel, Welton [Martins] e Maykelli [dos Santos] [...]. O principal tema abordado foi o racismo. Os condutores da oficina foram os bolsistas da Unifesspa.³⁹

Na turma do 9º C, foram as questões ligadas ao *datashow* que também mereceram registros. Os alunos tinham se preparado para apresentar o trabalho por meio da projeção de *slides*. De acordo com Marieta Fontes, nessa aula “[...] íamos apresentar os trabalhos de *slide*, só que o *datashow* deu alguns problemas e atrasou um pouco a aula que iria ter do bolsista, pois ficaram resolvendo enquanto nós, alunos estávamos distraídos.”⁴⁰ Após consertarem o aparelho, a aula continuou com a presença de um dos bolsistas discutindo o conteúdo Nova República.

As atividades que ocorreram fora da sala de aula também entraram na rota dos registros produzidos. As professoras Maria Raimunda e Edileuza Andrade incluíram a realização de um Sarau entre as ações desenvolvidas no projeto *Quem sou eu?* Os preparativos para sua realização foram relatados na aula do dia 28/10/2019 por Paulo Ferreira, matriculado na turma do 9º D:

Oficina do Sarau

Analisamos imagens e interpretamos as imagens e mensagens que estavam contidas nela, lemos a resenha de “Nosso racismo”, é um crime perfeito onde o entrevistado era Kabengele Munanga e ele dizia sobre como o preconceito no Brasil é velado, é um racista educado. Sobre nossa dificuldade de nos assumir como negro, por causa da ideologia do branqueamento, ele debate sobre a questão das cotas nas universidades que é um dos temas delicados ao ser tratado como uma dívida histórica ou de

³⁹ Caderno de Registros. Aluno: sem registro de nomes, 9º B, 28/10/2019.

⁴⁰ Caderno de Registros. Aluna: Marieta Fontes, 9º C, 19/11/2019.

ação afirmativa e que as próprias vítimas do racismo acham que são os culpados pelo próprio racismo.⁴¹

A dinâmica das aulas de História, sabemos, não cabe nos registros formais do currículo prescrito. Percebemos a forma com que as professoras invertem a lógica da seleção dos conteúdos definidos nos currículos e presentes nos livros didáticos. Os relatos dos estudantes dão conta de outras temáticas estudadas, como essas voltadas à construção do Sarau. A condução dos estudos é direcionada para a temática do preconceito e do racismo, incluindo as contribuições de reconhecidos intelectuais, como Kabengele Munanga. Além dessas atividades de estudo, na oficina, ainda houve momentos para socializar “[...] relatos de pessoas que sofreram ou que conhecem alguém que sofreu racismo.”⁴²

Infelizmente, não temos uma cultura de produção de relatos sobre a maior parte das experiências vivenciadas em sala de aula, e, menos ainda, daqueles produzidos pelos estudantes, como sinalizou Dominique Julia. Além dos registros formais em diários de classe, quando esses são preservados, pouco dispomos de vestígios sobre o universo pulsante das relações vividas e construídas no cotidiano das aulas. Os *Cadernos de Registros* construídos pelas atividades do Pibid nos mostram, por dentro, uma pequena parte das vivências relatadas pelos alunos e alunas.

A partir dos relatos construídos pelos/as alunos e alunas, percebemos uma dinamicidade própria de parte das aulas de História experienciadas entre outubro e dezembro de 2019. A análise dos registros permite perceber alguns traços daquilo que Agustín Escolano Benito chamou de fisionomia da sala de aula. Os registros dão conta de um conjunto amplo e diversificado de atividades e conteúdos trabalhados nas aulas, bem como apresentam diferentes estratégias metodológicas desenvolvidas. Os/as autores/as alunos/as também mostram uma riqueza de leituras interpretativas sobre os temas que entenderam ser importantes para o registro.

O conjunto dos relatos mostra como os/as alunos/as das quatro turmas do 9º ano se apropriaram das informações solicitadas e interpretaram uma parte do cotidiano experienciado em cada aula. Por meio de seus registros, temos acesso a uma parte das ações vividas de um currículo escolar que não se curva às normativas prescritas nos documentos formais. Percebemos que, nas aulas sobre as quais se produziram relatos, os conteúdos da História clássica eurocêntrica e linear não ocuparam lugar de centralidade. Pelo contrário. Por meio do projeto desenvolvido anualmente na escola, as professoras

⁴¹ *Caderno de Registros*. Aluno: Paulo Ferreira, 9º D, 28/10/2019.

⁴² *Caderno de Registros*. Aluno: Paulo Ferreira, 9º D, 28/10/2019.

conduziram suas aulas com atividades focadas em questões como o racismo e o preconceito.

Em todos os registros produzidos, o comportamento dos colegas de sala foi tema que mereceu atenção. Sem exceção, em todas as turmas, a conversa paralela despertou a atenção de quem produzia os relatos. Além das conversas, foi enfatizado o comportamento de alguns alunos no que tange ao uso do celular durante a aula, que é uma prática proibida na escola⁴³. Assim, durante o período em que ocorreram os registros, esse comportamento dos seus colegas foi o que mais mereceu a atenção dos alunos/autores, sinalizando que uma parte dos estudantes insistia em desafiar as regras acordadas, não obedecendo à norma que proíbe o uso do celular dentro da sala de aula.

Quem já lecionou — ou leciona — aulas de História para jovens alunos do Ensino Fundamental conhece bem uma parte dos comportamentos sobre os quais foram construídos os relatos nos cadernos. Esses também dão conta dos desafios na lida cotidiana das aulas no que tange à necessidade de construir estratégias que promovam interação e despertem o interesse dos estudantes, ainda mais quando os professores precisam disputar a atenção dos alunos com aparelhos de celular, por exemplo.

Os registros construídos pelas atividades desenvolvidas no Pibid não apenas mostram a pulsante rotina das aulas de História. Eles também inventariam um conjunto de relatos sobre diferentes práticas experienciadas nas aulas, que, provavelmente, desapareceriam sem os vestígios escritos pelos alunos. Como destacam Dominique Julia⁴⁴, Agustín Escolano Benito⁴⁵ e Antonio Frago⁴⁶, a chamada cultura escolar não desenvolve as condições para produção e guarda das experiências vividas pelos estudantes. Nesse sentido, as atividades do Pibid — e, de maneira especial, a construção dos *Cadernos de Registros* — revestem-se ainda mais de significados, quando se permitiu produzir diferentes registros sobre inúmeras vivências experienciadas dentro das aulas de História em uma escola pública localizada na Amazônia brasileira.

Conclusões iniciais

⁴³ Na Escola O Pequeno Príncipe, os pais (ou responsáveis pelos alunos) assinam um documento no momento da matrícula, pelo qual ficam informados e dão anuência que o uso do aparelho celular durante as aulas, é vetado. Quem desobedece a essa normativa é direcionado à secretaria da escola para sejam tomadas as medidas acordadas, entre elas a retenção do aparelho telefônico, por parte da coordenação, que se encarrega de entregar aos pais ou responsáveis.

⁴⁴ JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1, p. 9–43, 2001.

⁴⁵ BENITO, Agustín Escolano. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas, SP: 2017.

⁴⁶ FRAGO, Antonio Viñao. La escuela y la escolaridade como objetos históricos. Facetas y problemas de al Historia de la Educación. *História da Educação*, v. 12, n. 25, p. 9–54, 2008.

As atividades desenvolvidas pelo Pibid potencializam a formação do professor, estimulando a colaboração entre o saber dito de referência e aqueles construídos na sala de aula da escola da Educação Básica. Como política pública de educação, o Pibid integra a formação inicial à formação continuada, e permite adentrar os poros das vivências no cotidiano das aulas. A partir da produção dos *Cadernos de Registros*, foi possível ampliarmos as lentes de percepção para compreender os arranjos elaborados em cada aula no que tange aos conteúdos estudados e às estratégias metodológicas desenvolvidas.

Pelos registros dos/as alunos/as autores/as, percebemos como o cotidiano das aulas é um espaço propulsor e criador de práticas e relações, e, como tal, cria possibilidades para subverter as normativas dos documentos formais. Os relatos dos *Cadernos de Registros* sinalizam que o currículo escolar é uma construção viva e não se curva de forma passiva às definições do currículo prescrito, incluindo o livro didático. Durante o período em que ocorreram os registros, percebemos que os conteúdos ditos tradicionais ocuparam um espaço infinitamente menor (aparecendo apenas em um dos relatos, quando foi mencionado o conteúdo “Nova República”), da mesma forma que o livro didático também não foi a principal ferramenta de trabalho mobilizada. Com os projetos desenvolvidos pelas professoras Edileuza Andrade e Maria Raimunda, outras vias foram construídas, outros temas foram vivenciados, outros olhares foram produzidos, outros fios tecidos, outros enredos construídos.

Com a produção dos cadernos, também foi possível termos acesso à forma com que nossos alunos da Educação Básica compreendem, registram e interpretam uma parte daquilo que é vivido dentro de uma aula. Eles e elas registraram mais do que aquilo que lhes foi pedido. Produziram registros interpretativos sobre as experiências do cotidiano da sala de aula. Apresentaram a riqueza na produção dos relatos, na leitura dispensada a cada conteúdo relatado. Mostraram que, apesar de a ciência histórica continuar destinando pouca atenção aos estudantes enquanto sujeitos históricos, eles/as pensam, analisam, compreendem, interpretam, e, portanto, também concorrem como força nas disputas pelas atribuições de sentido e significado à própria história.

Recebido em 17 de julho de 2022
Aceito em 29 de setembro de 2022